

espada de vidro

victoria aveyard

Tradução de Teresa Martins Carvalho



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Aos meus avós, aqui e além. Estão sempre em casa.

CAPÍTULO UM



*R*etraio-me. O trapo que ela me dá está limpo, mas ainda cheira a sangue. Não me deveria ralar. Já tenho sangue na roupa toda. O vermelho é meu, está claro. O prateado pertence a muitos outros. Evangeline, Ptolemus, o senhor *nymph*, todos os que tentaram matar-me na arena. Suponho que uma parte também seja de Cal. Ele sangrou abundantemente na areia, golpeado e contundido pelos nossos potenciais executores. Agora está sentado à minha frente, de olhos postos nos pés, deixando que as suas feridas iniciem o lento processo de sararem naturalmente. Vejo de relance um dos muitos golpes nos meus braços, provavelmente de Evangeline. Ainda fresco, e suficientemente profundo para deixar cicatriz. Uma parte de mim deleita-se com a ideia. Este lenho entrecortado não será magicamente eliminado pelas mãos frias de um curador. Cal e eu já não estamos no mundo Prateado, com alguém que simplesmente apague as nossas bem merecidas cicatrizes. Escapámos. Ou, pelo menos, eu escapei. As correntes de Cal são um firme sinal do seu cativeiro.

Farley dá-me um toque na mão, com surpreendente gentileza.

— Esconde o rosto, rapariga-relâmpago. É o que eles procuram.

Por uma vez, faço o que me dizem. Os outros seguem-me o exemplo, cobrindo de tecido vermelho as bocas e os narizes. Cal é o último rosto descoberto, mas não por muito tempo. Não luta contra Farley quando ela lhe ata a máscara no lugar, fazendo-o parecer um de nós.

Se ao menos o fosse.

Um zumbido elétrico incendeia-me o sangue, recordando-me o

pulsante, guinchante Subtrem. Ele transporta-nos inexoravelmente para diante, para uma cidade que foi outrora um refúgio. O comboio desliza à desfilada, estridente sobre antigos carris, qual *swift*¹ Prateado correndo sobre terreno aberto. Escuto o raspar de metal, sinto-o bem fundo nos ossos onde uma dor fria se instala. A minha fúria, a minha *força* há pouco na arena parecem recordações longínquas, deixando para trás apenas dor e medo. Mal posso imaginar o que estará Cal a pensar. Ele perdeu tudo, *tudo* o que desde sempre lhe foi querido. Pai, irmão, reino. Como se aguentará ele, imóvel exceto pela oscilação do comboio, não sei.

Ninguém precisa de me dizer a razão da nossa pressa. Farley e os seus Guardas, tensos como arame enrolado, são explicação bastante para mim. *Continuamos a fugir.*

Maven já por aqui veio antes, e Maven virá de novo. Desta vez com o furor dos seus soldados, da sua mãe e da sua nova coroa. Ontem era um príncipe; hoje é rei. Eu julguei-o meu amigo, meu noivo, mas agora sei que não.

O outrora confiei nele. Agora sei o suficiente para odiá-lo, temê-lo. Ele ajudou a matar o pai pela coroa, e inculpou o irmão pelo crime. Ele sabe que a radiação que envolve a cidade arruinada é uma mentira — um ardil — e sabe aonde se destina o comboio. O santuário que Farley construiu já não é seguro, não para nós. *Não para ti.*

É possível que estejamos a caminho de uma cilada.

Um braço envolve-me firmemente, sentindo o meu mal-estar. *Shade.* Ainda não posso crer que o meu irmão está aqui, vivo e, mais estranho ainda, igual a mim. Vermelho e Prateado — e mais forte do que qualquer um deles.

— Não deixarei que te levem outra vez — murmura ele, tão baixo que mal o ouço. Suponho que lealdade para com alguém — mesmo família — que não pertença à Guarda Escarlata não seja permitida. — Isso te prometo.

A sua presença é apaziguadora, fazendo-me recuar no tempo. Para antes do seu recrutamento, para uma primavera chuvosa em que ainda podíamos fingir ser crianças. Nada existia além da lama, da aldeia e do nosso tolo hábito de ignorar o futuro. Agora o futuro é tudo em que penso, interrogando-me sobre que obscuro caminho as minhas ações nos fizeram trilhar.

— O que vamos fazer agora? — Dirijo a pergunta a Farley, mas os meus olhos dão com Kilorn. Ele está postado junto dela, guarda obediente com maxilar cerrado e compressas ensanguentadas. Pensar que era um aprendiz

¹ Veloz. (N. da T.)

de pescador não há tanto tempo assim. Tal como Shade, parece deslocado, um fantasma de um tempo anterior a tudo isto.

— Há sempre para onde fugir — replica Farley, mais focada em Cal do que em qualquer outra coisa.

Conta que ele se debata, que resista, mas ele não faz nem uma coisa nem outra.

— Mantém as mãos nela — diz Farley, virando-se para Shade após um longo momento. O meu irmão assente, e sinto a sua palma pesada sobre o meu ombro. — Ela não se pode perder.

Eu não sou general nem estratega, mas o raciocínio dela é claro. Eu sou a miúda-relâmpago — eletricidade viva, relampejante raio em forma humana. As pessoas conhecem o meu nome, o meu rosto e as minhas aptidões. Sou valiosa, sou poderosa, e Maven tudo fará para me impedir de me vingar. Como pode o meu irmão proteger-me do retorcido novo rei, mesmo sendo como eu, mesmo sendo a coisa mais rápida que eu jamais vi, não sei. Mas tenho de acreditar, mesmo que pareça um milagre. Afinal de contas, tenho visto tantas coisas impossíveis. Uma nova fuga não será difícil.

O estalar e o deslizar de canos de armas ecoam através do comboio à medida que a Guarda se prepara. Kilorn coloca-se de pé junto a mim, oscilando ligeiramente, a mão bem firme na espingarda suspensa ao peito. Olha de relance para baixo, com expressão suave. Tenta esboçar um sorriso malandro, para me fazer rir, mas os seus luminosos olhos verdes estão graves e temerosos.

Em contraste, Cal está sentado calmamente, quase pacificamente. Embora seja ele quem mais tem a temer — acorrentado, rodeado de inimigos, perseguido pelo próprio irmão — parece sereno. Não me admira. É um soldado nado e criado. A guerra é algo que ele entende, e neste momento estamos sem dúvida em guerra.

— Espero que não planeies combater — diz, falando pela primeira vez em muitos e longos minutos. Os seus olhos estão postos em mim, mas é a Farley que as palavras mordem. — Espero que planeies fugir.

— Poupa o fôlego, Prateado. — Ela enche o peito. — Eu sei o que temos de fazer.

Não posso impedir as palavras de me saírem da boca para fora.

— Também ele sabe. — O olhar com que ela me fulmina queima, mas já lidei com pior. Não me retraio sequer. — Cal sabe como eles combatem, sabe o que farão para nos deterem. Usa-o.

Qual é a sensação de ser usada? Ele cuspiu-me essas palavras na prisão sob a Taça de Ossos e fez-me desejar morrer. Agora mal me aguilhoa.

Ela não diz nada, e isso é quanto basta para Cal.

— Eles terão *Snapdragons*² — diz ele sombriamente.

Kilorn ri alto.

— Flores?

— Jatos aéreos — responde Cal, os olhos chispando de desagrado. — Asas laranja, corpos de prata, um só piloto, fáceis de manobrar, perfeitos para assalto urbano. Carregam quatro projéteis cada. Vezes um esquadrão, são quarenta e oito mísseis a que vão ter de fugir, além de armas ligeiras. Conseguem dar conta disso?

Tem por única resposta o silêncio. *Não, não conseguimos.*

— E os *Dragons* são a menor das nossas preocupações. Limitam-se a voar em círculo, defender um perímetro, manter-nos no lugar até chegarem tropas terrestres.

Baixa os olhos, pensando rapidamente. Interroga-se o que faria, se estivesse do outro lado. Se fosse rei em vez de Maven. — Cercar-nos-ão e imporão condições. Mare e eu a troco de vocês escaparem.

Mais um sacrifício. Lentamente, encho-me de ar. Esta manhã, ontem, antes de toda esta loucura, ter-me-ia de bom grado entregado só para salvar Kilorn e o meu irmão. Mas agora... agora sei que sou especial. Agora tenho outros a proteger. Agora não me posso perder.

— Não podemos aceitar isso — digo. Amarga verdade. O olhar de Kilorn pesa sobre mim, mas eu não levanto os olhos. Não consigo engolir o seu juízo de valor.

Cal não é tão duro. Assente, concordando comigo.

— O rei não conta que nos entreguemos — replica. — Os jatos irão fazer as ruínas derrocar em cima de nós, e o resto aniquilará os sobreviventes. Será pouco mais do que um massacre.

Farley é uma criatura orgulhosa, mesmo agora que está terrivelmente encurralada.

— O que sugeres? — pergunta, inclinando-se sobre ele. As suas palavras destilam desdém. — Rendição total?

Como que um vislumbre de repulsa perpassa o rosto de Cal.

— Maven matar-vos-á ainda assim. Num calabouço ou no campo de batalha, não deixará nenhum de nós viver.

— Então mais vale morrermos lutando. — A voz de Kilorn soa mais forte do que deveria, mas há um tremor nos seus dedos. Assemelha-se ao resto dos rebeldes, disposto a fazer qualquer coisa pela causa, mas o meu

² À letra, em português, bocas-de-lobo ou bocas-de-leão. (N. da T.)

amigo está ainda assim temeroso. É ainda um rapaz, não tem mais que dezoito anos, com muitíssimo por que viver e pouquíssimo por que morrer.

Cal ri, zombeteiro, da forçada mas descarada declaração de Kilorn, contudo nada acrescenta. Sabe que uma descrição mais gráfica da nossa morte iminente não ajudará ninguém.

Farley não partilha do seu sentimento e acena com uma mão, pura e simplesmente desprezando um e outro. Atrás de mim, o meu irmão espelha a sua determinação.

Eles sabem algo que nós não sabemos, algo que não revelarão ainda. Maven ensinou-nos a todos o preço da confiança descabida.

— Não somos nós que vamos morrer hoje — é tudo o que ela diz, antes de marchar para a frente do comboio. As suas botas soam como marteladas no piso metálico, cada uma ressoando a obstinada determinação.

Pressinto o abrandar do comboio antes de o sentir. A eletricidade esmorece à medida que deslizamos para a estação subterrânea. O que porventura acharemos nos céus lá em cima, neblina branca ou jatos aéreos de asas laranja, não sei. Os outros não parecem preocupar-se com isso, saindo do Subtrem com grande determinação. No seu silêncio, a Guarda armada e com máscaras parece-se com verdadeiros soldados, mas eu cá sei. Não estão à altura do que aí vem.

— Prepara-te. — A voz de Cal silva-me ao ouvido, provocando-me um calafrio. Recorda-me dias há muito idos, dança ao luar. — Lembra-te de quão forte és.

Kilorn abre caminho com o ombro para o meu lado, separando-nos antes de eu poder dizer a Cal que a minha força e aptidão são tudo de que estou certa agora. A eletricidade nas minhas veias será porventura a única coisa em que confio neste mundo.

Quero acreditar na Guarda Escarlata, e certamente em Shade e Kilorn, mas não me deixarei levar, não depois da trapalhada em que a minha confiança, a minha *cegueira* para com Maven, nos meteu. E Cal está absolutamente fora de questão. Ele é um prisioneiro, um Prateado, o inimigo que nos trairia se pudesse — se tivesse outro sítio para onde fugir.

Mas ainda assim, de algum modo, sinto-me atraída para ele. Recordo o rapaz sobrecarregado que me deu uma moeda de prata quando eu nada era. Com esse único gesto mudou o meu futuro, e destruiu o seu.

E partilhamos uma aliança — uma instável aliança forjada em sangue e traição. Estamos ligados, estamos unidos — contra Maven, contra todos os que nos ludibriaram, contra o mundo prestes a despedaçar-se.

...

Aguarda-nos o silêncio. Uma neblina cinzenta e húmida paira sobre as ruínas de Naercey, tornando o céu tão próximo que bem poderia tocá-lo. Faz frio, uma friagem de outono, estação de mudança e morte. Nada assombra o céu ainda, jatos alguns para fazer chover destruição sobre uma cidade já destruída. Farley impõe um passo vivo, conduzindo dos carris para a larga avenida abandonada. O escombro abre-se como uma ravina, mais cinzento e desfeito do que me lembro.

Marchamos para leste pela rua abaixo, em direção à beira-mar amortalhada. As elevadas estruturas meio derrocadas pendem sobre nós, as suas janelas quais olhos que nos observam enquanto passamos. Os Prateados podem estar à espera nas concavidades destroçadas e ensombrados arcos, prontos a matar a Guarda Escarlate. Maven pode derrubar os rebeldes um a um, obrigando-me a assistir. Não me daria o luxo de uma morte limpa e rápida. *Ou pior, penso. Não me deixaria morrer de todo.*

A ideia gela-me o sangue como o toque de um *shiver*³ Prateado. Por muito que Maven me tenha mentido, ainda conheço um pedacinho do seu coração. Lembro-me de ele me agarrar através das grades de uma cela, aferindo-se com dedos trémulos. E lembro-me do nome que carrega consigo, do nome que me recorda que um coração ainda bate no seu peito. *O seu nome era Thomas e eu vi-o morrer.* Não pôde salvar esse rapaz. Mas pode salvar-me a mim, à sua maneira retorcida.

Não. Jamais lhe darei tal satisfação. Antes morrer.

Mas, por mais que tente, não me posso esquecer da sombra que o julguei ser, o príncipe perdido e esquecido. Tomara que essa pessoa fosse real. Tomara que existisse algures que não nas minhas memórias.

As ruínas de Naercey ecoam estranhamente, mais silenciosas do que deveriam. Com um sobressalto, constato porquê. *Os refugiados foram-se.* A mulher varrendo montes de cinzas, as crianças escondendo-se nos esgotos, as sombras dos meus irmãos e irmãs Vermelhos — todos eles fugiram. Ninguém mais resta senão nós.

— Pensa o que quiseses da Farley, mas fica ciente de que ela não é estúpida — diz Shade, respondendo à minha pergunta antes de eu ter hipótese de a colocar. — Deu ordem de evacuação a noite passada, depois de escapar de Archeon. Pensou que tu ou o Maven falariam sob tortura.

Estava enganada. Não havia necessidade de torturar Maven. Ele deu a

³ Calafrio ou arrepio. (N. da T.)

sua informação e a sua mente de livre vontade. Abriu a cabeça à sua mãe, deixando-a deitar a garra a tudo o que lá visse. O Subtrem, a cidade secreta, *a lista*. É tudo dela agora, tal como ele sempre foi.

A fila de soldados da Guarda Escarlata estende-se atrás de nós, uma desorganizada turba de homens e mulheres armados. Kilorn marcha diretamente atrás de mim, os olhos dardejantes, enquanto Farley lidera. Dois soldados corpulentos mantêm Cal nos calcanhares dela, agarrando-lhe os braços firmemente. Com os seus lenços vermelhos, parecem saídos de um pesadelo. Mas somos tão poucos agora, acaso trinta, todos caminhando feridos. Tão poucos sobreviveram.

— Não somos suficientes para levar esta rebelião em frente, mesmo que escapemos outra vez — sussurro para o meu irmão. A neblina baixa e cerrada abafa a minha voz, mas ele ouve-me ainda assim.

O canto da sua boca contrai-se, querendo sorrir.

— Não é preocupação tua.

Antes que possa apertar com ele, o soldado à nossa frente estaca. Não é o único. À cabeça da fila, Farley sustém um punho no ar, olhando fulgurante o céu cinzento-ardósia. Nós imitamo-la, procurando o que não podemos ver. Só Cal mantém os olhos no chão. Ele já sabe com o que se parece a nossa condenação.

Um grito distante e inumano alcança-nos através da neblina. É um som mecânico e constante, descrevendo círculos lá no alto. E não está só. Doze sombras em forma de flecha cruzam o céu à desfilada, as suas asas laranja aparecendo e desaparecendo intermitentemente por entre as nuvens. Eu nunca vi um jato aéreo como deve ser, não tão perto ou sem a cobertura da noite, pelo que não consigo impedir o meu maxilar de cair quando eles aparecem à vista. Farley ladra ordens para a Guarda, mas eu não a oiço. Estou demasiado ocupada a fitar o céu, observando a morte alada descrever um arco lá em cima. Tal como a motocicleta de Cal, as máquinas voadoras são belas, aço e vidro impossivelmente dobrados. Suponho que um *magnetron*⁴ terá tido alguma coisa que ver com a sua construção — de outra forma, como poderia o metal *voar*? Motores tingidos de azul chispam sob as suas asas, sinal indiciador de eletricidade. Mal posso sentir a sua pontada, qual bafo contra a pele, mas estão demasiado longe para conseguir afetá-los. Apenas posso olhar, horrorizada.

Guincham e volteiam em torno da ilha de Naercey, jamais quebrando o círculo. Quase posso fazer de conta que são inofensivos, nada mais que aves

⁴ Magnetron — válvula geradora de energia de frequências ultracurtas. (N. da T.)

curiosas que vieram ver os vestígios obliterados de uma rebelião. Então, um dardo de metal cinzento singra o céu lá no alto, deixando um rasto de fumo, movendo-se quase rápido demais para ser visto. Colide com um edifício ao fundo da avenida, desaparecendo através de uma janela partida. Um clarão vermelho-alaranjado explode uma fração de segundo mais tarde, destruindo todo o piso de um edifício já em derrocada. Estilhaça-se sobre si próprio, colapsando sobre alicerces de milhares de anos que se quebram como palitos. Toda a estrutura pende, tombando tão devagar que a visão não pode ser real. Quando embate na rua, bloqueando o caminho à nossa frente, sinto o troar bem fundo no peito. Uma nuvem de fumo e pó atinge-nos de caras, mas eu não me encolho. É preciso mais que isso para me assustar agora.

Através da névoa cinzento-acastanhada, Cal mantém-se ereto comigo, mesmo quando os seus captos se agacham. Os nossos olhos encontram-se por um momento, e os seus ombros descaem. É o único sinal de derrota que me deixará ver.

Farley agarra a Guarda mais próxima, fazendo-a pôr-se de pé.

— Dispersar! — grita, gesticulando para as vielas de cada lado. — Para o lado norte, para os túneis! — Aponta para os seus tenentes enquanto fala, dizendo-lhes para onde ir. — Shade, para o lado do parque! — O meu irmão assente, sabendo o que ela quer dizer. Outro projétil aponta a um edifício nas proximidades, emudecendo-lhe a voz. Mas é fácil adivinhar o que ela grita.

Fujam.

Uma parte de mim quer manter-se firme, fincar pé, lutar. Os meus relâmpagos púrpura-esbranquiçados farão certamente um alvo de mim e desviarão os jatos da Guarda em debandada. Talvez arraste até um avião ou dois comigo. Mas isso não é possível. Eu valho mais do que os outros todos, mais do que as máscaras e compressas vermelhas. Shade e eu temos de sobreviver — se não pela causa, então pelos outros. Pela lista de centenas como nós — híbridos, anomalias, aberrações, impossibilidades Vermelhas e Prateadas — que seguramente morrerão se falharmos.

Shade sabe-o tão bem como eu. Enlaça o braço no meu, apertando a ponto de deixar nódoa negra. É quase demasiado fácil correr ao seu passo, deixá-lo guiar-me para fora da larga avenida, rumo a um emaranhado cinzento-esverdeado de árvores de densa folhagem que se derramam pela rua. Quanto mais avançamos, mais densas elas se tornam, enredadas umas nas outras como dedos deformados. Mil anos de abandono transformaram este pequeno talhão numa mortífera selva. Abrigamo-nos do céu, até que

só podemos ouvir os jatos circulando cada vez mais próximos. Kilorn nunca se deixa ficar muito para trás. Por um momento, posso fazer de conta que estamos de volta a casa, vagueando pelas Stilts⁵, à cata de diversão e sarilhos. Parece que só encontramos sarilhos.

Quando Shade finalmente se detém derrapando, os seus tacões sulcando a terra debaixo de nós, arrisco um olhar de relance à minha volta. Kilorn estaca junto de nós, a sua espingarda apontada inutilmente para o céu, mas mais ninguém se segue. Já não vejo sequer a rua, nem os trapos vermelhos fugindo pelas ruínas dentro.

O meu irmão olha fulgurante através dos ramos das árvores, de atalaia, à espera que os jatos voem para fora de alcance.

— Para onde vamos nós? — pergunto-lhe, esbaforida.

É Kilorn quem responde.

— Para o rio — diz. — E depois para o oceano. Podes levar-nos? — Olha de relance para as mãos de Shade, como se pudesse ver a sua aptidão bem patente na sua carne. Mas a força de Shade está enterrada como a minha, invisível até que ele escolha revelá-la.

O meu irmão abana a cabeça.

— Não num salto, é demasiado longe. E prefiro correr, poupar a minha força. — Os seus olhos escurecem. — Até que realmente precisemos dela.

Assinto em concordância. Sei por experiência própria o que é exaurirmos a nossa aptidão, derreados até aos ossos, mal capazes de nos movermos, quanto mais lutar.

— Para onde levam eles o Cal?

A minha pergunta faz Kilorn estremecer.

— Quero lá saber.

— Devias querer — disparo de volta, mesmo com a voz a tremer de hesitação. *Não, não devia. Nem tu devias. Se o príncipe se foi, tens de deixá-lo ir.* — Ele pode ajudar-nos a sair daqui. Ele pode lutar *connosco*.

— Ele escapará ou matar-nos-á assim que lhe dermos oportunidade — respinga ele, arrancando o lenço para mostrar a carranca zangada lá por baixo.

Mentalmente, vejo o fogo de Cal. Queima tudo no seu caminho, de metal a carne humana.

— Ele já te podia ter matado — digo. Não é exagero, e Kilorn sabe-o.

— De algum modo pensei que vocês dois superassem as vossas bicadas — diz Shade, interpondo-se entre nós. — Que ingenuidade a minha.

⁵ Estacas ou andas, em português. Neste caso, aldeias de casas sobre estacas. (N. da T.)

Kilorn força-se a articular um pedido de desculpas entre dentes, mas eu não o imito. O meu foco está nos jatos, deixando os seus corações elétricos baterem contra o meu. Enfraquecem a cada segundo, distanciando-se cada vez mais.

— Estão a voar para longe de nós. A ir, temos de ir já.

Tanto o meu irmão como Kilorn me olham estranhamente, mas nenhum contesta.

— Por aqui — ordena Shade, apontando através das árvores. Um caminho estreito quase invisível serpenteia através delas, onde a terra foi arredada deixando à mostra pedra e asfalto por baixo. De novo, Shade entrelaça o braço no meu, e Kilorn avança em frente, marcando um passo rápido para que o sigamos.

Os ramos arranham-nos, dobrados sobre o estreito caminho, até que se torna impossível corrermos lado a lado. Mas, em vez de me largar, Shade aperta-me ainda com mais força. E então constato que ele não me está a apertar de todo. É o ar, o *mundo*. Tudo e mais alguma coisa se comprime num excruciante segundo de negrume. E então, num piscar de olhos, estamos do outro lado das árvores, olhando para trás e vendo Kilorn emergir do arvoredo cinzento.

— Mas ele estava à nossa frente — murmuro em voz alta, olhando para trás e para diante entre Shade e o carreiro. Interpomo-nos no meio da estrada, com o céu e o fumo pairando lá no alto. — Tu...

Shade abre-se num sorriso arreganhado. A atitude parece deslocada perante a gritaria distante dos jatos.

— Digamos que... saltei. Desde que estejas agarrada a mim, podes vir também — diz ele, antes de nos apressar para a viela mais próxima.

O meu coração dispara com a noção de que acabei de ser *teletransportada*, a ponto de se tornar quase possível esquecer a situação em que nos encontramos.

Os jatos rapidamente mo recordam. Outro projétil explode para norte, deitando abaixo um edifício com um ribombar de terramoto. Uma onda de pó assola a viela, pintando-nos com mais uma camada de cinzento. O fumo e o fogo são-me agora tão familiares que mal lhes sinto o cheiro, mesmo quando a cinza começa a cair como neve. Deixamos nela as nossas pegadas. Serão talvez as nossas últimas marcas.

Shade sabe para onde ir e como correr. Kilorn não tem dificuldade em acompanhar-nos, mesmo com o peso da espingarda. Por esta altura, descrevemos um círculo de volta à avenida. Para leste, um redemoinho de

luz de dia irrompe através da terra e do pó, trazendo com ele um arquejo salgado de ar do mar. Para oeste, o primeiro edifício derrocado jaz qual gigante caído, bloqueando qualquer retirada para o comboio. Vidro partido, esqueletos de ferro de edifícios e estranhas placas de desbotados ecrãs brancos elevam-se à nossa volta, um palácio de ruínas.

O que era isto?, interrogo-me vagamente. *Julian haveria de saber.* Só de pensar no seu nome dói, e afasto a sensação para longe.

Uns quantos trapos vermelhos mais dardejам através do ar coberto de cinzas, e eu procuro uma silhueta familiar. Mas Cal não se vê em parte alguma, e isso deixa-me terrivelmente temerosa.

— Não saio daqui sem ele.

Shade não se digna perguntar a que me refiro. Já sabe.

— O príncipe vem connosco. Dou-te a minha palavra.

A minha resposta rasga-me as entranhas.

— Não confio na tua palavra.

Shade é um soldado. A sua vida foi tudo menos fácil, e a dor não lhe é desconhecida. Ainda assim, a minha declaração magoa-o profundamente. Vejo-o no seu rosto.

Pedirei desculpas mais tarde, digo de mim para mim.

Se alguma vez vier um mais tarde.

Mais um projétil sulca o ar acima de nós, caindo a umas ruas de distância. O troar distante de uma explosão não mascara o mais áspero e aterrador ruído que se eleva a toda a volta.

O ritmo de um milhar de pés marchando.

CAPÍTULO DOIS



Oar adensa-se com uma capa de cinza, dando-nos uns segundos para fitarmos a nossa condenação iminente. As silhuetas dos soldados movem-se pelas ruas abaixo, vindas de norte. Não lhes vejo as armas ainda, mas um exército Prateado não precisa de armas para matar.

Outros Guardas fogem à nossa frente, correndo disparados pela avenida abaixo com abandono. Por agora, pode ser que escapem, mas para onde? Há apenas o rio e o mar mais além. Não há sítio algum para onde ir, sítio algum para nos escondermos. O exército marcha vagarosamente, num estranho passo arrastado. Forço a vista através do pó, procurando vê-los. E então ganho consciência do que isto é, do que Maven fez. O choque fásca em mim, *através* de mim, forçando Shade e Kilorn a recuarem de um salto.

— Mare! — grita Shade, meio surpreendido, meio zangado. Kilorn nada diz, vendo-me vacilar.

A minha mão cerra-se no seu braço e ele não se retrai. As minhas fâscas foram-se já. Ele sabe que não lhe farei mal.

— Olha — digo, apontando.

Sabíamos que viriam soldados. Cal disse-nos, *preveniu-nos*, que Maven enviaria uma legião depois dos jatos aéreos. Mas nem mesmo Cal poderia ter previsto isto. Só um coração tão retorcido como o de Maven poderia sonhar este pesadelo.

As figuras da primeira linha não envergam o cinzento nublado dos soldados Prateados de Cal, duramente treinados. Não são sequer verdadeiros soldados. São serviçais com casacos vermelhos, xailes vermelhos,

túnicas vermelhas, calças vermelhas, sapatos vermelhos. Tanto vermelho que parecem sangrar. E em redor dos seus pés, tilintando contra o solo, estão correntes de ferro. O som arranha-me, emudecendo os jatos aéreos e os projéteis e mesmo as ordens asperamente vociferadas pelos oficiais Prateados escondidos atrás da sua muralha Vermelha. Só oiço as correntes.

Kilorn eriça-se, rosnando. Dá um passo em frente, elevando a espingarda para disparar, mas a arma treme-lhe nas mãos. O exército está ainda do outro lado da avenida, demasiado longe para um disparo exímio, mesmo *sem* um escudo humano. Agora é pior que impossível.

— Temos de continuar a andar — resmunga Shade. Os olhos lampejam-lhe de raiva, mas ele sabe o que deve ser feito, o que deve ser *ignorado*, para se manter vivo. — Kilorn, vem connosco já, ou deixamos-te.

As palavras do meu irmão aguilhoam, despertando-me do meu torpor horrorizado. Como Kilorn não se mexe, pego-lhe no braço, sussurrando-lhe ao ouvido, esperando abafar o tilintar das correntes.

— Kilorn. — É a voz que usava com a Mamã quando os meus irmãos iam para a guerra, quando o Papá tinha uma crise respiratória, quando as coisas soçobravam. — Kilorn, nada há que possamos fazer por eles.

As palavras sibilam-lhe entre dentes.

— Não é verdade. — Olha-me de relance por sobre o ombro. — Tens de fazer *alguma coisa*. Podes salvá-los...

Para minha eterna vergonha, abano a cabeça.

— Não, não posso.

Continuamos a correr. E Kilorn segue-nos.

Explodem novos projéteis, mais rápidos e próximos a cada segundo que passa. Mal consigo ouvir além do zunido nos meus ouvidos. Aço e vidro oscilam quais caniços ao vento, vergando e quebrando até que a mordente chuva Prateada se abate sobre nós. Não tarda que seja demasiado perigoso correr, e Shade aperta-me com mais força. Agarra em Kilorn também, fazendo-nos saltar aos três quando o mundo colapsa. O meu estômago revolve-se de cada vez que a escuridão nos rodeia e, de cada vez, a cidade que se abate aproxima-se mais. Cinza e pó de betão sufocam-nos a visão, tornando difícil respirar. O vidro estilhaça-se numa brilhante tempestade, deixando-me golpes superficiais na cara e nas mãos, rasgando-me a roupa. Kilorn tem pior aspeto que eu, as suas compressas vermelhas de sangue fresco, mas ele continua a andar, cauteloso para não nos ultrapassar. O aperto do meu irmão não fraqueja, mas ele começa a ficar cansado, empalidecendo a cada novo salto. Eu não estou impotente, usando as minhas

faíscas para desviar os entrecortados estilhaços de metal de que nem Shade nos pode afastar com um salto. Mas não somos o bastante, nem mesmo para nos salvarmos.

— Ainda falta muito? — A minha voz soa baixinho, afogada pelo marcéu de guerra. Contra a névoa, não vejo além de uns passos. Mas ainda posso *sentir*. E o que sinto são asas, motores, *eletricidade* gritando acima das nossas cabeças, assoladora e cada vez mais próxima. Somos como ratos à espera que os falcões nos arrebatem do solo.

Shade faz-nos parar bruscamente, os seus olhos cor de mel tudo varrendo para trás e para diante. Por um assustador momento, temo que esteja perdido.

— Esperem — diz, sabendo algo que nós não sabemos.

Olha para cima, para o esqueleto de uma outrora grande estrutura. É descomunal, mais alta do que o mais elevado pináculo da Mansão do Sol, mais larga do que a grande Praça de César em Archeon. Um tremor percorre-me a espinha quando constato: está a *mover-se*. Para trás e para diante, para um lado e para o outro, oscilando sobre suportes retorcidos já gastos por séculos de abandono. Enquanto observamos, começa a pender, afundando-se lentamente a princípio, como um velho que se deixa cair na cadeira. Depois mais e mais depressa, caindo acima de nós e à nossa volta.

— Agarra-te a mim — grita Shade acima do estrondo, ajustando o aperto com que me envolve. Passa o braço pelos meus ombros, esmagando-me contra ele, com uma força quase insuportável. Espero a agora desagradável sensação de saltar, mas nada acontece. Em vez disso, sou acolhida por um som mais familiar.

Artilharia.

Agora não é a aptidão de Shade que me salva a vida, mas a sua carne. Uma bala que me é destinada atinge-o em cheio no músculo superior do braço, enquanto outra lhe metralha a perna. Ele ruge de angústia, quase tombando na terra rachada abaixo de nós. Eu sinto o tiro trespassá-lo, mas não tenho tempo para dores. Novas balas silvam pelo ar, demasiado rápidas e numerosas para lhes fazer frente. Apenas podemos correr, fugindo tanto ao edifício que colapsa como ao exército que aí vem. Um cancela o outro, com o aço retorcido tombando entre a legião e nós. Pelo menos, é isso que deveria acontecer. A gravidade e o fogo fizeram a estrutura cair, mas o poder dos *magnetrons* impede-a de nos servir de escudo. Quando olho para trás, posso vê-los, com cabelos de prata e armaduras negras, mais ou menos

uma dúzia varrendo para longe cada viga que cai e cada alicerce de aço. Não estou suficientemente perto para lhes ver os rostos, mas conheço bem a Casa Samos. Evangeline e Ptolemus dirigem a família, desimpedindo a rua para que a legião possa avançar. Para que possam acabar o que começaram, matando-nos a todos.

Se ao menos Cal tivesse destruído Ptolemus na arena; se ao menos eu tivesse mostrado a Evangeline o mesmo grau de generosidade que ela me mostrou a mim. Então talvez tivéssemos uma hipótese. Mas a nossa misericórdia tem um custo, que pode ser a nossa vida.

Agarro-me ao meu irmão, sustendo-o o melhor que posso. Kilorn arca com o maior peso. Suportando o arcaboço de Shade, arrasta-o na direção de uma cratera de impacto ainda fumegante. Mergulhamos nela de bom grado, encontrando algum refúgio da tempestade de balas. Mas não muito. Não por muito tempo.

Kilorn arqueja e tem gotas de suor na testa. Rasga uma das suas mangas, usando-a como compressa na perna de Shade. Rapidamente fica manchada de sangue.

— Consegues saltar?

O meu irmão franze o sobrolho, sentindo não a dor mas a sua força. Eu bem o compreendo. Lentamente abana a cabeça, os olhos escurecendo.

— Ainda não.

Kilorn pragueja em surdina.

— Então o que fazemos nós?

Levo um segundo a constatar que ele me pergunta a mim, e não ao meu irmão mais velho. Não ao soldado que sabe mais de batalhas do que qualquer um de nós. Mas tão-pouco me pergunta realmente a mim. Não à Mare Barrow das Stilts, à ladra, sua amiga. Kilorn procura agora alguém mais, quem eu me tornei nos salões de um palácio e na areia de uma arena.

Pergunta à rapariga-relâmpago.

— Mare, o que fazemos nós?

— Vocês deixam-me, é isso que fazem! — rosna Shade entre dentes, respondendo antes que eu possa fazê-lo. — Correm para o rio, dão com a Farley. Eu saltarei ao vosso encontro assim que puder.

— Não mintas a uma mentirosa — digo eu, dando tudo por tudo para não tremer. O meu irmão acabou de me ser devolvido, um fantasma vindo dos mortos. Não o deixarei escapar de novo, por nada deste mundo. — Vamos sair daqui juntos. *Todos* nós.

A legião em marcha faz ribombar o solo. Uma olhada por sobre o

rebordo da cratera diz-me que se encontram a menos de cem metros de distância, avançando rapidamente. Posso entrever os Prateados através das lacunas na linha Vermelha. Os soldados de infantaria envergam os uniformes cinzento-nublados do exército, mas alguns têm armaduras, gravadas com cores familiares. Guerreiros das Altas Casas. Vejo laivos de azul, amarelo, preto, castanho, e mais. *Nymphs e telkies e silks e strongarms*⁶, os mais poderosos combatentes que os Prateados nos podem lançar para cima. Julgam Cal o assassino do rei, a mim uma terrorista, e deitarão toda a cidade abaixo para nos destruir.

Cal.

Só o sangue do meu irmão e a respiração irregular de Kilorn me impedem de pular da cratera para fora. Tenho de encontrá-lo, *tenho*. Se não por mim, então pela causa, para proteger a retirada. Ele vale uma centena de bons soldados. Ele é um escudo de ouro. Mas provavelmente foi-se, escapou, tendo fundido as suas correntes e fugido quando a cidade começou a soçobrar.

Não, ele não fugiria. Ele jamais fugiria desse exército, de Maven, nem de mim.

Espero não estar errada.

Espero que ele não esteja já morto.

— Levanta-o, Kilorn. — Na Mansão do Sol, a falecida Senhora Blonos ensinou-me a falar como uma princesa. É uma voz fria, tenaz, não dando espaço a contestação.

Kilorn obedece, mas Shade ainda consegue protestar.

— Eu só vou atrasar-vos.

— Poderás pedir desculpa por isso mais tarde — replico, ajudando-o a pôr-se de pé. Mas mal lhes presto atenção, a minha concentração noutro lado. — Andor.

— Mare, se pensas que te vamos deixar...

Quando me viro para Kilorn, tenho faíscas nas mãos e determinação no coração. As palavras morrem-lhe nos lábios. Olha de relance para além de mim, na direção do exército que avança a cada segundo que passa. *Telkies e magnetrons* arrastam destroços da rua para fora, abrindo o obliterado caminho com um estridente raspar de metal sobre pedra.

— *Fujam.*

Mais uma vez, ele obedece e Shade nada pode fazer senão coxear com ele, deixando-me para trás. Enquanto amarinham da cratera para fora,

⁶ Ninfas, portentos, sedas e braços fortes ou braços de ferro, respetivamente. (N. da T.)

trepando para oeste, eu dou passos calculados para leste. O exército deter-se-á para mim. Terá de o fazer.

Após um aterrorizador segundo, os Vermelhos abrandam, as correntes tilintando quando estacam. Atrás deles, Prateados equilibram espingardas negras nos ombros, como se nada fossem. Os transportes de guerra, grandes máquinas com rodas dentadas, detêm-se com estrépito algures atrás do exército. Posso sentir o seu poder a batucar-me nas veias.

O exército está agora de tal modo perto, que oiço oficiais vociferarem ordens. «A rapariga-relâmpago!» «Cerrar fileiras, postura firme!» «Apontar!» «Suster fogo!»

O pior de tudo vem por último, ressoando contra a subitamente silenciosa rua. A voz de Ptolemus é familiar, plena de ódio e fúria.

— Abrir alas para o rei! — grita ele.

Cambaleio para trás. Contava com os exércitos de Maven, mas não com Maven em pessoa. Ele não é um soldado como o irmão, e não lhe compete liderar um exército. Mas aí está ele, avançando entre os soldados que se apartam, com Ptolemus e Evangeline nos calcanhares. Quando dá um passo para fora da linha Vermelha, quase me vou abaixo dos joelhos. A sua armadura é negra e polida, a capa, carmesim. De algum modo parece mais alto do que esta manhã. Usa ainda a coroa de flamas do pai, embora ela não faça sentido num campo de batalha. Suponho que queira mostrar ao mundo o que ganhou com as suas mentiras, o belo prémio que roubou. Mesmo de tão longe, sinto o calor do seu olhar fulgurante e a sua raiva fervilhante. Queima-me de dentro para fora.

Só os jatos assobiam lá em cima; é o único som do mundo.

— Vejo que continuas valente — diz Maven, a sua voz ressoando pela avenida fora. Ecoa por entre as ruínas, atijando-me. — E tola.

Tal como na arena, não lhe darei a satisfação da minha raiva e do meu medo.

— Deveriam chamar-te a miúda muda. — Ri-se friamente, e o seu exército ri-se com ele. Os Vermelhos permanecem em silêncio, de olhos fixos no chão. Não querem ver o que está prestes a acontecer. — Bem, miúda muda, diz aos teus amigos ratos que se acabou. Estão cercados. Chama-os, e eu lhes darei a dádiva de boas mortes.

Mesmo que eu pudesse dar essa ordem, jamais o faria.

— Eles já se foram.

Não mintas a um mentiroso, e Maven é o maior mentiroso de todos.

Ainda assim, parece inseguro. A Guarda Escarlate já escapou tantas

vezes, na Praça de César, em Archeon. Talvez consigam escapar também agora. Que embaraço seria. Que desastroso início de reinado.

— E o traidor? — A sua voz aguça-se, e Evangeline chega-se mais perto dele. O seu cabelo de prata reluz como o gume de uma lâmina, mais brilhante do que a sua armadura dourada. Mas ele afasta-se dela, dando-lhe uma patada para o lado como um gato faria a um brinquedo. — E o meu miserável irmão, o príncipe caído?

Não chega a ouvir a minha resposta, pois nenhuma tenho.

Maven olha de novo para mim e desta vez apunhala-me o coração.

— Também ele te abandonou? Fugiu? O covarde mata o nosso pai e tenta roubar-me o trono, só para se esgueirar e esconder? — Eriça-se, simulando em prol dos seus nobres e soldados. Para eles, tem de continuar a parecer o filho trágico, um rei jamais destinado a uma coroa, que nada mais quer do que justiça para o morto.

Ergo o queixo em desafio.

— Achas que o Cal faria tal coisa?

Maven está longe de ser tolo. É perverso, mas não estúpido, e conhece melhor o irmão do que qualquer outro ser vivo. Cal não é covarde nenhum e nunca o será. Ao mentir aos seus súbditos, Maven não irá mudar isso. Os seus olhos traem o coração, e Maven olha de lado, para as vielas e ruas que desembocam na avenida dilacerada pela guerra. Cal poderá estar escondido em qualquer uma delas, esperando para atacar. Eu posso até ser a cilada, o isco para atrair a fuinha a que em tempos chamei meu noivo e amigo. Quando ele vira a cabeça, a coroa desliza, demasiado grande para o seu crânio. Até o metal sabe que não lhe pertence.

— Acho que estás só, Mare. — Fala suavemente. Apesar de tudo o que me fez, o meu nome na sua boca dá-me arrepios, lembrando-me tempos passados. Outrora dizia-o com amabilidade e afeição. Agora soa como uma maldição. — Os teus amigos desapareceram. Tu perdeste. E és uma abominação, a única da tua miserável espécie. Será uma mercê remover-te deste mundo.

Mais mentiras, e ambos o sabemos. Imito o seu riso frio. Por um segundo, parecemos amigos outra vez. Nada está mais longe da verdade.

Um jato acima de nós faz um voo rasante, as suas asas quase raspan-do a ponta de uma ruína próxima. Está tão perto. *Demasiado perto*. Posso sentir o seu coração elétrico, o zumbido dos motores que de algum modo o sustêm no ar. Tento chegar-lhe o melhor que posso, como fiz tantas vezes antes. Como com as luzes, com as câmaras, como com cada fio e

circuito desde que me tornei a rapariga-relâmpago, apodero-me dele — e *desligo-o*.

O jato aéreo mergulha, de nariz para baixo, planando por um momento sobre pesadas asas. A sua trajetória original intentava fazê-lo sobrevoar a avenida, acima da legião, para proteger o rei. Agora mergulha de cabeça direito a eles, pairando sobre a linha Vermelha e colidindo com centenas de Prateados. Os *magnetrons* Samos e *telkies* Provos não são suficientemente rápidos a deter o jato que se espeta na rua, lançando asfalto e corpos pelos ares. O ressonante estrondo da explosão quase me faz cair por terra, empurrando-me para mais longe ainda. A explosão é ensurdecadora, desorientadora e dolorosa. *Não há tempo para dores* ressoa na minha cabeça. Não me digno assistir ao caos do exército de Maven. Desato a correr, e os meus relâmpagos correm comigo.

Faíscas púrpura e brancas escudam-me as costas, mantendo-me a salvo dos *swifts* que tentam alcançar-me. Uns quantos colidem com os meus relâmpagos, tentando trespassá-los. Caem para trás em montes de carne fumada e osso retorcido. Dou graças por não lhes ver os rostos, não vá sonhar com eles depois. A seguir vêm balas, mas a minha corrida em zigzag faz de mim um alvo difícil. Os poucos tiros que chegam perto desfazem-se estridentes no meu escudo, tal como o meu corpo deveria ter-se desfeito quando cai na rede elétrica na Prova da Rainha. Esse momento parece tão longe no tempo. Lá no alto, os jatos gritam de novo, desta vez cautelosos, mantendo as distâncias. Em contrapartida, os seus projéteis não são tão cortesês.

As ruínas de Naercey mantiveram-se de pé durante milhares de anos, mas não sobreviverão a este dia. Edifícios e ruas soçobram, destruídos por projéteis e poderes Prateados. Tudo e todos desvairadamente à solta. Os *magnetrons* retorcem e dardejам vigas de aço, ao passo que os *telkies* e *strongarms* arremessam entulho através do céu de cinza. Água irrompe das sarjetas quando os *nymphs* tentam inundar a cidade, descarregando o último fluxo de Guardas que se escondiam nos túneis debaixo de nós. O vento ulula, potente como um furacão, soprado pelos *windweavers*⁷ do exército. Água e entulho fazem-me arder os olhos, as rajadas tão penetrantes que quase me cegam. Explosões dos *oblivions*⁸ abalam o solo sob os meus pés e eu tropeço, confusa. Nunca caía. Mas agora a minha cara raspa no asfalto, deixando um rasto de sangue. Quando de novo me ponho em

⁷ Tece-ventos. (N. da T.)

⁸ Esquecimento, letargia. (N. da T.)

pé, um grito de *banshee*⁹ capaz de estilhaçar vidro de novo me atira ao chão, forçando-me a tapar os ouvidos. Mais sangue aí, escorrendo-me rápido e espesso por entre os dedos. Mas o *banshee* que me derrubou salvou-me acidentalmente. Quando caio, outro projétil estoura acima da minha cabeça, tão próximo que o sinto rasgar o ar.

Explode demasiado perto, o calor pulsando através do meu impetuoso escudo de relâmpagos. Vagamente, interrogo-me se morrerei sem sobranças. Mas em vez de arder através de mim, o calor mantém-se constante, desconfortável mas não insuportável. Umas mãos fortes capazes de deixar nódoa negra põem-me de pé de um repelão, e cabelo louro cintila à luz do fogo. Mal lhe posso divisar o rosto através da cortante tempestade de vento. *Farley*. A sua arma desapareceu, as roupas estão rasgadas, e os músculos trémulos, mas continua a suste-me de pé.

Atrás dela, uma figura alta e familiar recorta uma silhueta negra contra a explosão. Faz-lhe frente com uma única mão estendida. Os seus grilhões desapareceram, fundidos ou deitados fora. Quando se vira, as chamas crescem, lambendo o céu e a rua destruída, mas nunca a nós. Cal sabe exatamente o que faz, dirigindo a tempestade de fogo à nossa volta como água à volta de rocha. Tal como na arena, forma uma muralha ardente através da avenida, protegendo-nos do seu irmão e da legião do lado de lá. Mas agora as suas chamas estão fortes, alimentadas de oxigénio e fúria. Pulam bem alto no ar, tão abrasadoras que a base arde num fantasmagórico tom de azul.

São lançados mais projéteis, mas de novo Cal contém o seu poder, usando-o para alimentar o dele próprio. É quase belo, ver os seus longos braços arquearem e voltearem, transformando destruição em proteção a um ritmo incessante.

Farley tenta puxar-me para fora dali, subjugar-me. Com as chamas a defender-nos, volto-me para ver o rio a cem metros de distância. Posso mesmo identificar as sombras volumosas de Kilorn e do meu irmão, coxeando para suposta segurança.

— Vamos lá, Mare — rosna ela, arrastando o meu corpo contundido e enfraquecido.

Por um segundo, deixo-a levar-me consigo. Dói demais pensar claramente. Mas um olhar de relance para trás e percebo o que ela está a fazer, o que está a tentar levar-me a fazer.

— Não saio daqui sem ele! — grito pela segunda vez hoje.

⁹ Figura da mitologia celta, pressagiadora de morte, cujo grito podia estourar um crânio. (N. da T.)

— Acho que ele se está a sair muito bem sozinho — diz ela, os seus olhos azuis refletindo o fogo.

Outrora, pensava como ela. Que os Prateados eram invencíveis, deuses na terra, por demais poderosos para serem destruídos. Mas só esta manhã matei três; Arven, o *strongarm* Rhambos e o *nymph* senhor Osanos. Provavelmente mais com a tempestade de relâmpagos. E eles quase me mataram a mim, e a Cal, a bem dizer. Tivemos de nos salvar um ao outro na arena. E temos de fazê-lo outra vez.

Farley é maior que eu, mais alta e mais forte, mas eu sou mais ágil. Mesmo massacrada e meio-morta. Um jeito de tornozelo, um empurrão bem calculado, e ela cambaleia para trás, largando-me. Viro-me no mesmo movimento, palmas das mãos estendidas, sentindo o que preciso. Naercey tem muito menos eletricidade do que Archeon ou mesmo as Stilts, mas eu já não preciso de sugar energia de coisa nenhuma. Eu crio a minha.

A primeira explosão de água *nymph* abate-se sobre as chamas com a força de um tsunami. Na sua maior parte ferve instantaneamente em vapor, mas o resto cai sobre a muralha, extinguindo as grandes línguas de fogo. Eu respondo à água com a minha própria eletricidade, visando as ondas que se enrolam e rebentam em pleno ar. Atrás da onda, a legião Prateada marcha em frente, mergulhando direita a nós. Pelo menos os Vermelhos acorrentados foram postos de lado, relegados para trás da linha. Feito de Maven. Não deixará que eles o retardem.

Os seus soldados defrontam-se com os meus relâmpagos em vez de ar livre, e atrás deles o fogo de Cal irrompe de novo das brasas.

— Recua devagarinho — diz Cal, acenando com uma mão aberta. Imito os seus passos bem medidos, cautelosa para não desviar o olhar da morte que se aproxima. Juntos, alternamos para trás e para diante, protegendo a nossa retirada. Quando as suas chamas caem, elevam-se os meus relâmpagos, e assim sucessivamente. Juntos, temos uma hipótese.

Ele murmura curtas ordens: quando avançar, quando erigir uma muralha, quando deixá-la cair. Parece mais exausto do que alguma vez o vi, as suas veias azul-enebrecidas sob a pele pálida, com círculos cinzentos orlando-lhe os olhos. Sei que devo parecer ainda pior. Mas o seu marcar de cadência impede-nos de dar tudo de nós, deixando que resquícios das nossas forças retornem exatamente quando precisamos.

— Só um bocadinho mais — exclama Farley, a sua voz ecoando lá de trás. Mas ela não desatou a correr. Ficou connosco, conquanto seja simplesmente humana. É mais valente do que a imaginei.

— Um bocadinho mais para quê? — rosno entre dentes, lançando outra rede de eletricidade. Apesar das ordens de Cal, estou a ficar mais lenta, e um pedaço de entulho atravessa a rede. Despedaça-se a uns metros de distância, desfazendo-se em pó. Estamos a ficar sem tempo.

Mas o mesmo se passa com Maven.

Sinto o cheiro do rio, e do oceano mais além. Agreste e salgado, acena-nos, mas para que fim, não faço ideia. Apenas sei que Farley e Shade creem que ele nos salvará das presas de Maven. Quando olho de relance para trás de mim, nada vejo senão a avenida, terminando à beira do rio. Lá está Farley postada, à espera, o seu cabelo curto encrespado pelo vento ardente. *Salta*, articula ela, antes de mergulhar para lá da orla da rua desfeita em pedaços.

Qual é a dela, mergulhar assim num abismo?

— Ela quer que saltemos — digo a Cal, virando-me para trás mesmo a tempo de suplantar a sua muralha.

Ele grunhe em concordância, demasiado concentrado para falar. Tal como os meus relâmpagos, os seus fogos tornam-se cada vez mais fracos e ténues. Já quase podemos ver através deles, os soldados do outro lado. As chamas tremulantes distorcem-lhes as feições, transformando olhos em carvões em brasa, bocas em presas sorridentes e homens em demónios.

Um deles avança contra a muralha de fogo, suficientemente perto para se queimar. Mas não se queima. Em vez disso, aparta as chamas como uma cortina.

Só uma pessoa pode fazê-lo.

Maven sacode as brasas da sua capa ridícula, deixando a seda arder enquanto a armadura se mantém firme. Tem o despalante de sorrir.

E, de algum modo, Cal tem a força de virar costas. Em vez de despedaçar Maven com as próprias mãos, toma-me o pulso num apertão abrasador. Corremos ambos disparados, não nos dignando defender as nossas costas. Maven não está à altura de qualquer um de nós, e sabe-o. Em vez disso, grita. Apesar da coroa e do sangue nas suas mãos, é tão novo ainda.

— Corre, assassino! Corre, rapariga-relâmpago! Corre mais depressa e para bem longe! — A sua risada ressoa nas ruínas desfeitas, assombrando-me. — Não há onde eu não dê contigo!

Tenho uma vaga consciência de os meus relâmpagos falharem, cedendo à medida que me afasto. As próprias chamas de Cal soçobram também, expondo-nos ao resto da legião. Mas estamos já a saltar pelos ares, para o rio três metros abaixo.

Aterramos, não com um chapão mas um ressonante embater em metal. Tenho de rolar para impedir os meus tornozelos de se estilhaçarem, mas sinto ainda assim uma dor surda e ardente trepar-me pelos ossos acima. *O quê?* Farley espera, enfiada até aos joelhos no frígido rio, junto de um tubo cilíndrico de metal com uma abertura no topo. Sem falar, mete-se por ele dentro, desaparecendo seja no que for que jaz abaixo de nós. Não temos tempo de argumentar ou fazer perguntas, e seguimo-la cegamente.

Pelo menos Cal tem o bom senso de fechar o tubo atrás de nós, encerrando-nos a salvo do rio e da guerra lá em cima. Ouve-se um silvo pneumático, que forma uma selagem hermética. Mas aquilo não nos protegerá por muito tempo, não contra a legião.

— Mais túneis? — pergunto, esbaforida, rodopiando para Farley. A minha visão mancha-se com o movimento e tenho de me apoiar contra a parede, as pernas trémulas.

Tal como fez na rua, Farley passa-me um braço por baixo do ombro, suportando-me o peso. — Não, isto não é túnel nenhum — diz, com um enigmático e malicioso sorriso.

E então sinto-o. Como uma bateria zumbindo algures, mas maior. Mais forte. Pulsa a toda a nossa volta, pelo estranho corredor fora, inundado de tremeluzentes botões e luzes amarelas difusas. Vislumbro lençóis vermelhos movendo-se pela passagem dentro, ocultando os rostos dos Guardas. Parecem nebulosos, como sombras carmesins. Com um grunhido, todo o corredor estremece e *cai*, inclinando-se para baixo. *Para dentro de água.*

— Um barco. Um barco subaquático — diz Cal. A sua voz soa distante, abalada, e fraca. Precisamente como eu me sinto.

Nenhum de nós consegue dar mais que uns passos antes de nos irmos abaixo contra as paredes abauladas.

CAPÍTULO TRÊS



N*estes últimos dias, acordei numa cela de prisão e depois num comboio. Agora é num barco subaquático. Onde acordarei eu amanhã?*

Começo a pensar que isto foi tudo um sonho, ou uma alucinação, ou pior. Mas será que nos podemos sentir cansados em sonhos? Eu sinto-me, sem dúvida. A minha exaustão penetra os ossos, cada músculo e nervo. O meu coração é toda uma outra ferida, sangrando ainda de traição e fracasso. Quando abro os olhos, dando com paredes estreitas, cinzentas, tudo o que quero esquecer volta de enxurrada. É como se a Rainha Elara estivesse dentro da minha cabeça de novo, forçando-me a reviver as minhas piores memórias. Por mais que tente, não consigo evitá-las.

As minhas silenciosas camareiras foram executadas, de nada culpadas senão pintarem-me a pele. Tristan, trespassado como um porco. Walsh. Ela tinha a idade do meu irmão, uma serviçal das Stilts, minha amiga — *uma de nós*. E morreu cruelmente, pela própria mão, para proteger a Guarda, o nosso propósito, e a mim. Ainda mais morreram nos túneis da Praça de César, Guardas mortos pelos soldados de Cal, mortos pelo nosso plano imbecil. A memória do sangue vermelho queima, mas também a ideia de sangue prateado. Lucas, um amigo, um protetor, um Prateado com coração amável, executado pelo que eu e Julian lhe fizemos. A Senhora Blonos, decapitada por me ter ensinado a sentar-me como deve ser. A Coronel Macanthos, Reynal Iral, Belicos Lerolan. Sacrificados pela causa. Quase sou acometida de vômitos quando me lembro dos meninos gémeos de Lerolan, de quatro anos, mortos na explosão que se seguiu ao tiroteio. Maven disse-me que

foi um acidente — um cano de gás perfurado —, mas agora sei que é mentira. A sua maldade é demasiado profunda para tal coincidência. Duvido que se importasse de lançar uns quantos corpos mais no braseiro, só para convencer o mundo de que a Guarda é feita de monstros. Matará Julian também, e Sara. Provavelmente já estão mortos. Não consigo sequer pensar neles. É por demais doloroso. Agora os meus pensamentos voltam ao próprio Maven, a uns frios olhos azuis e ao momento em que percebi que o seu encantador sorriso ocultava uma fera.

O beliche debaixo de mim é rijo, os cobertores finos, almofada nem pensar, mas uma parte de mim quer voltar a deitar-se. A minha dor de cabeça já está de volta, latejando com o pulsar elétrico deste barco milagroso. É um firme sinal — não há paz para mim aqui. Não ainda, não enquanto há tanto por fazer. *A lista. Os nomes. Tenho de encontrá-los. Tenho de pô-los a salvo de Maven e da sua mãe.* O calor alastra-me através do rosto, a minha pele afogueando-se com a memória do livrinho dos segredos duramente conquistados de Julian. Um registo de todos aqueles como eu, com a estranha mutação que nos dá sangue Vermelho e aptidões Prateadas. A lista é o legado de Julian. E meu.

Balanço as pernas para fora do catre, quase batendo com a cabeça no beliche acima de mim, e dou com um conjunto de roupa impecavelmente dobrado no chão. Calças pretas demasiado compridas, uma camisa vermelho-escura com os cotovelos puídos e botas sem atacadores. Nada como a roupa fina que encontrei numa cela Prateada, mas sinto que condiz com a minha pele.

Mal enfiei a camisa pela cabeça quando a porta do meu compartimento se abre de rompante sobre os seus grandes gonzos de ferro. Kilorn aguarda expectante do outro lado, o seu sorriso forçado e sombrio. Não deveria corar, tendo-me visto em vários graus de nudez ao longo de muitos verões, mas as suas faces põem-se vermelhas.

— Não é coisa tua dormires tanto — diz, e oiço preocupação na sua voz.

Descarto-a com um encolher de ombros e levanto-me sobre as pernas fracas.

— Acho que estava a precisar. — Um bizarro zumbido nos ouvidos apodera-se de mim, penetrante mas não doloroso. Abano a cabeça para trás e para diante, tentando livrar-me dele, dando ares de cão molhado.

— Isso deve ter sido o grito do *banshee*. — Vem direito a mim e toma-me a cabeça nas suas mãos gentis mas calejadas. Submeto-me ao seu exame, suspirando de enfado. Ele vira-me de lado, observando os ouvidos

que ficaram vermelhos de sangue sabe-se lá há quanto tempo. — És uma sortuda por não te ter acertado em cheio.

— Sou uma data de coisas, mas não me parece que sortuda seja uma delas.

— Estás viva, Mare — diz ele asperamente, afastando-se. — Nem todos podem dizer o mesmo. — O seu olhar fulgurante leva-me de volta a Naercey, quando disse ao meu irmão que não confiava na palavra dele. No fundo do coração, sei que ainda não confio.

— Desculpa — apresso-me a resmungar baixinho. Claro que sei que outros morreram, pela causa e por mim. Mas eu morri também. A Mare das Stilts morreu no dia em que caiu num para-raios. Mareena, a princesa Prateada perdida, morreu na Taça de Ossos. E não sei que nova pessoa abriu os olhos no Subtrem. Apenas sei o que ela foi e o que ela perdeu, e o peso disso é quase esmagador.

— Vais dizer-me para onde vamos, ou é outro segredo? — Tento impedir o azedume de transparecer na minha voz, mas falho redondamente.

Kilorn é suficientemente cortês para ignorá-lo e encosta-se à porta. — Deixámos Naercey há cinco horas, e dirigimo-nos para nordeste. Honestamente, é tudo o que sei.

— E isso não te incomoda nada?

Ele limita-se a encolher os ombros.

— O que te faz pensar que os graúdos confiam em mim, ou em ti, já agora? Sabes melhor que ninguém quão imbecis fomos, e o alto preço que pagámos. — Mais uma vez, sinto o agulhão da memória. — Tu própria disseste que nem sequer podes confiar no Shade. Duvido que tão cedo alguém vá partilhar segredos.

A alfinetada não dói tanto como eu esperava.

— Como é que ele está?

Kilorn acena com a cabeça para o corredor lá fora.

— A Farley improvisou um simpático postozinho médico para os feridos. Ele está a sair-se melhor que os outros. Sempre a rogar pragas, mas definitivamente melhor. — Os seus olhos verdes ensombram-se ligeiramente, e ele desvia o olhar. — A perna dele...

Inspiro sobressaltada.

— Infetada? — Em casa, nas Stilts, uma infeção equivalia a um membro amputado. Não tínhamos muitos remédios e, uma vez estragado o sangue, tudo o que se podia fazer era ir cortando, esperando levar a melhor sobre a febre e as veias enegrecidas.

Para alívio meu, Kilorn abana a cabeça.

— Não, a Farley medicou-o bem, e os Prateados combatem com balas limpas. Uma coisa e tanto da parte deles. — Ri-se sombriamente, contando que eu me junte a ele. Em vez disso, sinto um calafrio. O ar está tão frio aqui em baixo. — Mas irá definitivamente coxear durante uns tempos.

— Levas-me a ele ou terei de descobrir eu própria o caminho?

Outra sombria risada e ele estende o braço. Para minha surpresa, descubro que preciso do seu apoio para me ajudar a andar. Naercey e a Taça de Ossos cobraram certamente o seu tributo.

Mersivo. É o que Kilorn chama ao estranho barco subaquático. Como logra ele navegar *sob* o oceano ultrapassa-nos a ambos, embora tenha a certeza de que Cal o saberá. Ele é o próximo da minha lista. Encontro-o depois de me certificar de que o meu irmão ainda respira. Lembro-me de Cal mal estar consciente quando escapámos, tal como eu. Mas não acho que Farley o tenha no posto médico, não rodeado de Guardas feridos por todos os lados. Há demasiada animosidade e ninguém quer um inferno num tubo de metal hermeticamente fechado.

O grito do *banshee* ainda me ressoa na cabeça, uma lamúria surda que faço por ignorar. E a cada passo que dou, descubro novas dores e contusões. Kilorn dá por cada estremecimento meu e abrandando o passo, deixando que eu me apoie no seu braço. Ignora os seus próprios ferimentos, profundos golpes ocultos por baixo de compressas novas. Ele sempre teve as mãos maltratadas, massacradas e cortadas dos anzois e das cordas, mas essas eram feridas familiares. Significavam que estava safo, empregado, livre de ser recrutado. Não fosse o seu mestre de pesca morrer, pequenas cicatrizes seriam o seu único fardo.

Em tempos, tal pensamento ter-me-ia entristecido. Agora apenas sinto fúria.

O corredor principal do mersivo é longo e estreito, dividido por várias portas metálicas com espessos gonzos e vedações pressurizadas. Para se fecharem porções dele se necessário for, para impedir toda a embarcação de se inundar e afundar. Mas as portas não me dão qualquer conforto. Não consigo parar de pensar em morrer no fundo do oceano, trancada num caixão aquoso. Até mesmo Kilorn, um rapaz criado na água, parece desconfortável. As luzes difusas embutidas no teto filtram-lhe estranhas sombras recortadas no rosto, fazendo-o parecer velho e gasto.

Os outros Guardas não estão tão afetados, indo e vindo com grande penetração. Os seus lenços e xales vermelhos foram baixados, revelando rostos marcados de sombria determinação. Carregam mapas, bandejas com provisões médicas, compressas, comida, ou até uma ou outra espingarda pelo corredor fora, sempre apressados e à conversa uns com os outros. Mas detêm-se à minha vista, colando-se às paredes para me darem o maior espaço possível na exígua passagem. Os mais ousados olham-me nos olhos, vendo-me passar coxeando, mas na sua maioria fitam os pés.

Uns quantos parecem mesmo temerosos.

De mim.

Eu quero dizer obrigada, de alguma forma expressar quão grata estou para com cada homem e mulher a bordo deste estranho navio. *Obrigada pelo vosso serviço* quase me desliza dos lábios para fora, mas cerro o maxilar para o reprimir. *Obrigado pelo vosso serviço*. É o que eles publicam nas notificações, as cartas enviadas a dar-nos parte da morte dos nossos filhos por uma guerra inútil. Quantos pais vi eu chorar à conta destas palavras? Quantos mais as receberão, quando as Medidas enviarem crianças ainda mais novas para a frente?

Nenhuns, digo de mim para mim. Farley terá um plano para isso, tal como nós arranharemos maneira de encontrar os sanguenovos — os outros como eu. Alguma coisa faremos. Alguma coisa teremos de fazer.

Os Guardas contra a parede murmuram entre si quando eu passo. Até mesmo os que não conseguem olhar para mim sussurram uns para os outros, não se dignando encobrir as palavras. Suponho que pensem que o que dizem é um cumprimento.

— A rapariga-relâmpago — ecoa das suas bocas, ressoando nas paredes de metal. O som rodeia-me como os miseráveis sussurros de Elara, assombrando-me o cérebro qual fantasma. *Miúda relâmpago. Era o que ela me chamava, o que eles me chamavam.*

Não. Não, não é nada.

Apesar da dor, endireito a coluna, pondo-me o mais ereta possível.

Eu já não sou miúda nenhuma.

Os sussurros seguem-nos o caminho todo até ao posto médico, onde um par de Guardas se mantém de vigilância junto à porta fechada. Observam igualmente a escada de mão, uma pesada coisa de metal que chega até ao teto. A única saída e a única entrada na lenta bala que é este navio. Um dos guardas tem cabelo vermelho-escuro, tal como Tristan, embora não seja nem de longe tão alto. O outro tem constituição de rochedo,

com pele trigueira, olhos oblíquos, peito largo e umas mãos descomunais mais adequadas a um *strongarm*. Inclina a cabeça ao ver-me mas, para alívio meu, não me prestam mais do que um olhar de relance. Em vez disso, voltam a sua atenção para Kilorn, abrindo-se para ele em sorrisos arreganhados, como amigos de escola.

— De volta tão cedo, Warren? — O ruivo solta uma risadinha, meneando sugestivamente as sobrancelhas. — A Lena já saiu de turno.

Lena? Kilorn retesa-se sob o meu braço, mas nada diz que traia o seu desconforto. Em vez disso, ri-se abertamente com eles. Mas eu conheço-o melhor que ninguém, o bastante para ver a força por detrás do seu riso. Pensar que tem andado a perder tempo a *namoriscar* enquanto eu estava inconsciente e Shade jazia ferido e a sangrar.

— O rapaz já tem quanto baste no prato para andar atrás de enfermeiras bonitas — diz o rochedo. A sua voz profunda ecoa pelo corredor fora, provavelmente ressoando até ao alojamento de Lena. — A Farley ainda anda nas rondas, se é dela que andas à procura — acrescenta, apontando para a porta.

— É o meu irmão? — digo eu, libertando-me do braço de Kilorn que me sustém. Quase me vou abaixo dos joelhos, mas aguento firme. — Shade Barrow?

Os seus sorrisos desvanecem-se, endurecendo em algo mais formal. É quase como estar de volta à corte Prateada. O rochedo agarra a porta, girando a enorme tranca em forma de roda para não ter de olhar para mim.

— Está a recuperar bem, menina, há, minha senhora.

Sinto um baque no estômago ao ouvir o título. Julgava estar livre de tais coisas.

— Por favor, chamem-me Mare.

— Claro — replica ele, sem qualquer espécie de convicção. Conquanto ambos façamos parte da Guarda Escarlata, ambos soldados numa só causa, não somos iguais. Este homem, e muitos outros, jamais me chamarão pelo nome, por mais que eu queira que o façam.

Faz a porta girar com um minúsculo bastão, revelando um compartimento largo mas pouco fundo, repleto de beliches. Camaratas em tempos, mas agora as camas empilhadas estão cheias de doentes, a ala única fervilhando de homens e mulheres vestidos de branco. Muitos têm a roupa manchada de sangue carmesim, demasiado ocupados a imobilizar uma perna ou a administrar medicação para darem por mim a coxear no meio deles.

A mão de Kilorn paira sobre a minha cintura, pronta a apanhar-me se eu precisar de novo, mas em vez disso apoio-me nos beliches. Se se vão pôr todos a olhar para mim, o melhor é tentar andar sozinha.

Shade está recostado contra uma fina almofada, em grande parte sustida pela parede de metal abaulada. É impossível que esteja confortável, mas tem os olhos fechados, e o seu peito sobe e desce ao suave ritmo do sono. A julgar pela sua perna, suspensa do teto do beliche por uma funda improvisada, e pelo seu ombro envolto em compressas, foi seguramente medicado algumas vezes. A visão dele tão deitado abaixo, muito embora eu o tivesse julgado morto ainda ontem, é chocantemente difícil de suportar.

— Devíamos deixá-lo dormir — murmuro para ninguém em particular, não esperando qualquer resposta.

— Sim, deixem, por favor — diz Shade sem abrir os olhos. Mas os lábios torcem-se num familiar sorriso malandro. Apesar do seu semblante sombrio e ferido, não posso deixar de rir.

O truque é-me familiar. Shade costumava fingir-se adormecido na escola ou durante as conversas sussurradas dos nossos pais. Não posso deixar de rir com essa memória, lembrando-me de quantos pequenos segredos Shade apanhava à sua maneira. Eu posso ter nascido ladra, mas Shade nasceu espião. Não admira que tenha acabado na Guarda Escarlata.

— A espiar os enfermeiros? — O meu joelho estala quando me sento na beira do seu beliche, tomando cuidado para não o magoar. — Já sabes quantas compressas conseguiram surripiar?

Em vez de se rir da piada, Shade abre os olhos. Acena para que Kilorn e eu nos aproximemos.

— Os enfermeiros sabem mais do que pensas — diz, o seu olhar fugindo para a outra ponta do compartimento.

Viro-me e dou com Farley toda atarefada sobre um beliche ocupado. A mulher deitada nele está inconsciente, provavelmente drogada, e Farley controla-lhe atentamente a pulsação. A esta luz, a sua cicatriz destaca-se rudemente, retorcendo-lhe um lado da boca numa carranca antes de lhe cortar o pescoço de lado pelo decote abaixo. Parte da cicatriz reabriu, e foi suturada à pressa. Agora o único vermelho que usa é a faixa de sangue sobre a bata branca de enfermeira e as manchas diluídas que lhe chegam aos cotovelos. Outro enfermeiro está postado junto dela, mas a sua bata está limpa, e ele sussurra-lhe preocupado ao ouvido. Ela assente ocasionalmente, embora tenha o rosto contraído de raiva.

— O que ouviste? — pergunta Kilorn, mudando de posição, de modo

a tapar completamente a vista de Shade. Para quem estiver de fora, é como se lhe estivéssemos a ajustar as compressas.

— Vamos para outra base, desta vez ao largo. Fora de território de Norta.

Esforço-me por me recordar do antigo mapa de Julian, mas pouco mais consigo divisar que a linha costeira.

— Uma ilha?

Shade assente.

— Chama-se Tuck. Não deve ser grande coisa, pois os Prateados nem lá têm um posto de segurança. Está praticamente esquecida.

O pavor inunda-me o estômago. A perspectiva de me isolar numa ilha sem meio de escapar ainda me assusta mais do que o mersivo.

— Mas eles sabem que existe. É o suficiente.

— A Farley parecia confiante na base que lá existe.

Kilorn troça alto.

— Lembro-me de ela achar que Naercey também era segura.

— Não é culpa dela termos perdido Naercey — digo eu. É minha.

— Maven iludiu toda a gente, Mare — replica Kilorn, dando-me uma pancadinha no ombro. — Passou-me a perna a mim, a ti e a Farley. Todos nós acreditámos nele.

Com a mãe a dar-lhe ordens, a ler as nossas mentes e a moldar Maven às nossas esperanças, não admira que tivéssemos sido todos enganados. E agora ele é rei. Agora enganará — e controlará — o nosso mundo inteiro. *Que mundo será, com um monstro por rei, e a mãe segurando-lhe a trela.*

Mas eu afugento tais pensamentos. Podem esperar.

— A Farley disse mais alguma coisa? Então e a lista? Ela ainda a tem, não tem?

Shade observa-a por sobre o ombro, cuidando de manter a voz baixa.

— Tem, mas está mais interessada nos *outros* com quem nos vamos encontrar em Tuck, a Mãe e o Papá incluídos. — Um jorro cálido inunda-me, uma revigorante onda de felicidade. Shade ilumina-se à vista do meu pequeno mas genuíno sorriso, e toma-me a mão. — A Gisa também, e os trambolhos a que chamamos irmãos.

Uma corda de tensão solta-se-me no peito, mas não tarda a ser substituída por outra. Firmo a mão nele, uma sobranceira erguida numa interrogação.

— *Outros?* Quem? Como pode isso ser? — Após o massacre sob a Praça de César e a evacuação de Naercey, achava que não existia mais ninguém.

Mas Kilorn e Shade não partilham da minha confusão, trocando furtivos olhares de relance. Mais uma vez, estou no escuro, o que não me agrada nada. Só que, desta vez, são o meu próprio irmão e melhor amigo a ter segredos, não uma maléfica rainha e um príncipe maquinador.

De algum modo, isto dói mais. De sobrolho franzido, lanço-lhes um olhar fulgurante até se aperceberem de que estou à espera de respostas.

Kilorn cerra os dentes e tem o bom senso de parecer apologético. Faz um gesto a Shade. *Passar de culpas.*

— Tu sabes mais que eu.

— A Guarda gosta de manter as coisas para si, e com razão. — Shade acomoda-se, sentando-se um pouco mais para cima. Silva de dor com o movimento, agarrando o ombro ferido, mas afasta-me com um gesto antes de poder ajudá-lo. — Queremos parecer pequenos, deitados abaixo, desorganizados...

Não posso deixar de bufar, olhando para as suas compressas.

— Bem, estás a fazer um trabalho fantástico.

— Não sejas cruel, Mare — respinga Shade de volta, parecendo exatamente a nossa mãe. — Estou a tentar dizer-te que as coisas não são tão más como parecem. Naercey não era o nosso único baluarte e a Farley não é o nosso único chefe. De facto, nem faz verdadeiramente parte do Comando. É um mero capitão. Há outros como ela... e ainda mais acima dela.

A julgar pela forma como ela dá ordens aos seus soldados, eu pensaria que Farley era uma imperatriz. Quando me aventuro a lançar-lhe outra olhadela, ela está ocupada a refazer um curativo, ao mesmo tempo que dá um raspanete ao enfermeiro que o tinha feito primeiro. Mas a convicção do meu irmão não pode ser ignorada. Ele sabe bem mais do que eu sobre a Guarda Escarlata, e estou inclinada a crer que o que ele diz a seu respeito é verdade. Há mais nesta organização do que me é dado ver aqui. É encorajador — e assustador.

— Os Prateados julgam que estão dois passos à nossa frente, mas não sabem sequer em que posição nos encontramos — continua Shade, numa voz plena de fervor. — Parecemos fracos porque queremos parecê-lo.

Viro-me rapidamente para trás.

— Eles parecem fracos porque o *são*. Porque Maven vos enganou, vos encurralou, vos massacrou e vos expulsou da vossa própria casa. Ou vais tentar dizer-me que fazia tudo parte de outro plano?

— Mare... — balbucia Kilorn, encostando o ombro ao meu numa

demonstração de conforto. Mas eu afugento-o. Também ele precisa de ouvir isto.

— Não quero saber quantos túneis secretos e barcos e bases vocês têm. Não vão ganhar contra ele, não desta forma. — Lágrimas que eu não sabia ter ainda ardem-me nos olhos, despertadas à memória de Maven. É difícil esquecê-lo como era. *Não*. Como pretendia ser. O rapaz amável e ignorado. A sombra da chama.

— Então o que sugeres tu, rapariga-relâmpago?

A voz de Farley trespassa-me como as minhas próprias faíscas, deixando cada nervo em franja. Por um breve, excruciante momento, fito as minhas mãos amarfanhando o lençol de Shade. Pode ser que ela se vá embora se eu não me virar. Pode ser que me deixe em paz.

Não sejas tola, Mare Barrow.

— Enfrentar fogo com fogo — digo-lhe, pondo-me em pé. A sua altura costumava intimidar-me. Agora mirá-la com olhar fulgurante parece-me natural e familiar.

— Isso é alguma espécie de piada Prateada? — escarnece ela, cruzando os braços.

— Parece-te que estou a brincar?

Ela não responde, e isso basta. No seu silêncio, constato que o resto do compartimento se aquietou. Até mesmo os feridos reprimem a dor para verem a rapariga-relâmpago a desafiar o seu capitão.

— Vocês singram parecendo fracos e atacando em força, não é? Bem, eles fazem tudo o que podem para parecerem fortes, para parecerem invencíveis. Mas, na arena, provei que não o são. — *Mais uma vez, mais alto, para toda a gente te ouvir.* Apelo à voz firme que a Senhora Blonos trouxe à luz em mim. — Eles *não* são invencíveis.

Farley não é estúpida, e é-lhe fácil seguir a minha linha de pensamento.

— Tu és mais forte do que eles — diz ela, taxativamente. Os seus olhos desviam-se para Shade, deitado tenso no seu beliche. — E não és a única.

Assinto vivamente, satisfeita por ela já saber o que eu quero.

— Centenas de nomes, centenas de Vermelhos com aptidões. Mais fortes, mais rápidos, melhores do que eles, com sangue tão vermelho como a alvorada. — Falta-me o fôlego, como se soubesse que me encontro no limiar do futuro. — O Maven tentará matá-los, mas se lhes chegarmos primeiro, eles poderão ser...

— O maior exército que este mundo jamais viu. — Os olhos de Farley tornam-se vítreos perante a ideia. — Um exército de sanguenovos.

Quando ela sorri, a cicatriz arrepanha-lhe os pontos, ameaçando abrir outra vez. O seu sorriso arreganhado ainda mais se arreganha. Não se preocupa com a dor.

Mas eu preocupo-me, sem dúvida. Suponho que sempre me preocuparei.